

**USOS DO CONECTOR MAS EM INTERAÇÃO FACE A FACE:  
CATEGORIA RADIAL DE ESQUEMAS DE FORÇA**

Naira de Almeida Velozo (UERJ)  
naira\_velozo@yahoo.com.br

**RESUMO**

Análise de ocorrências do conector "mas" em uma sessão de mediação, com vistas a apresentar uma proposta de descrição semântico-cognitiva do conector em interações verbais espontâneas, baseada na teoria dos protótipos (ROSCH, 1973, 1978) e nos conceitos de esquema imagético (CROFT e CRUSE, 2004) e modelos cognitivos idealizados (LAKOFF, 1987). Postula-se que os esquemas imagéticos de FORÇA são bases cognitivas estáveis que explicam os usos do conector e, por conseguinte, criam uma categoria radial cujos membros prototípicos apoiam-se no esquema de FORÇA CONTRÁRIA, enquanto os mais periféricos são fundamentados pelo esquema de DESEQUILÍBRIO, o que demonstra a manutenção do conceito de força em toda a categoria e a diminuição gradual da noção de oposição.

Palavras-chave: Conector *mas*. Categorização. Esquemas imagéticos.

**1. Considerações iniciais**

Neste estudo qualitativo, objetiva-se apontar análises de usos do conector "mas" em um *corpus* de mediação, bem como resultados obtidos a partir da análise integral desse *corpus* nas pesquisas de Naira de Almeida Velozo (2012, 2015)<sup>25</sup>, a fim de propor uma descrição semântico-cognitiva do conector, com base, sobretudo, em duas formulações teóricas caras à *linguística cognitiva: teoria dos protótipos* (ROSCH, 1973, 1978) e *esquemas imagéticos* (CROFT e CRUSE, 2004). Pretende-se, especificamente, propor uma descrição do conector como uma categoria radial formada a partir de quatro esquemas de força: FORÇA CONTRÁRIA, BLOQUEIO, RESTRIÇÃO e DESEQUILÍBRIO.

---

<sup>25</sup>Os dados apresentados neste trabalho encontram-se na transcrição elaborada a partir da gravação de um caso de mediação que integra o projeto de pesquisa "Contextos de intervenção de terceiras partes em situação de conflito" (projeto SHA – APQ 2129, FAPEMIG) do Prof. Dr. Paulo Cortes Gago. Tal transcrição foi utilizada como *corpus* da dissertação intitulada *Os esquemas de força e a metáfora da guerra: uma análise sociocognitiva dos usos do mas em mediação* e da tese nomeada *Usos de mas+cláusula no gerenciamento da conversa: uma proposta de descrição semântico-cognitiva*.

O estudo partiu das seguintes hipóteses: (i) no gênero analisado, os usos do conector "mas" são fundamentados por esquemas imagéticos de FORÇA; (ii) o esquema de FORÇA CONTRÁRIA fundamenta os usos mais nucleares ou prototípicos desse conector na interação; e (iii) os usos não prototípicos afastam-se do núcleo da categoria em diferentes graus, conforme mantenham a noção de força, mas distanciem-se do sentido de contrariedade.

Espera-se colaborar com o estudo dos usos do conector "mas" no Português Brasileiro, devido à observação do comportamento semântico-cognitivo do conector em um *corpus* de interação face a face e à escolha do paradigma adotado, que permite abarcar, no objeto de estudo, tanto usos interfrásticos quanto ocorrências como inícios acessórios de um turno de fala.

A fim de cumprir com os objetivos deste artigo, na primeira seção, retomam-se alguns pressupostos da linguística cognitiva; na segunda, revisam-se postulados da teoria dos protótipos; na seção seguinte, apontam-se formulações teóricas sobre os conceitos de esquema imagético e modelos cognitivos idealizados relevantes para a análise pretendida; e na quarta, explicita-se a metodologia adotada e algumas análises de dados do *corpus* selecionado, assim como resultados encontrados por Naira de Almeida Vellozo (2012, 2015). Por fim, expõem-se considerações que apontarão caminhos para o desenvolvimento dessa proposta de descrição semântico-cognitiva do conector “mas”.

## **2. Linguística cognitiva: pressupostos teóricos**

A linguística cognitiva, como se afirma reiteradamente, não constitui um corpo teórico unificado e claramente delimitado, ao invés disso, o arcabouço cognitivista resulta de um conjunto de posições teóricas convergentes. A união dessas posições parte da “hipótese da motivação conceptual da gramática”, segundo a qual a estrutura léxico-gramatical das línguas naturais reflete, em alguma medida, a estrutura do pensamento. Em vista disso, assume-se que a representação do conhecimento de mundo não é fundamentalmente diferente da representação semântica e que os processos cognitivos gerais, como mecanismos de categorização e de atenção, motivam os fenômenos gramaticais.

No âmbito da linguística cognitiva, a construção da significação referente ao universo cultural leva em conta a captação dos dados da ex-

periência. Sendo assim, uma das hipóteses centrais dessa abordagem é que as experiências humanas mais básicas, as quais se estabelecem a partir do corpo, fornecem as bases dos sistemas conceptuais humanos. O pensamento é compreendido, portanto, como corporificado, uma vez que sua estrutura e sua organização estão associadas diretamente à estrutura do corpo, assim como às restrições humanas de percepção e de movimento no espaço.

Tendo em vista esses pressupostos, assume-se que o significado é uma construção mental em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais. Dessa forma, acredita-se que as palavras não contêm significados, mas orientam a construção desses.

Na próxima seção, apresentam-se fundamentos da teoria dos protótipos, os quais se relacionam às noções de *perspectiva* e de *categorização* e *recategorização*.

### **3. Teoria dos protótipos**

Antes de revisar, especificamente, considerações basilares acerca da teoria dos protótipos, é preciso tratar de um processo essencial em relação à linguagem, o processo de categorização, através do qual se agrupam entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc.) em classes específicas. As estratégias de categorização estão intimamente relacionadas à capacidade humana de memória, assim, percebe-se que se agrupam objetos em categorias para falar do mundo, mas não se cria um número infinito de categorias, pois isso acarretaria sobrecarga em termos de processamento e armazenamento de informações.

De acordo com o modelo clássico de categorização, para que um elemento pertença a uma categoria, deve possuir todos os atributos definidores dessa. Os membros da categoria “ave”, por exemplo, devem “ter bico”, “ter duas asas”, “ter dois pés”, “ter penas”, “poder voar” e “colocar ovos”. Desse modo, enquanto gaivotas e pardais seriam indiscutivelmente membros da categoria “ave”, pinguins precisariam ser excluídos dessa categoria, por possuírem asas atrofiadas com função de nadadeira e não possuírem pena.

Charles J. Fillmore (1975), em um exemplo bastante difundido sobre o termo inglês *bachelor* (“solteirão”), questiona o modelo clássico

de categorização, argumentando que a decomposição do item lexical com base nos traços [+MACHO], [+ADULTO], [-CASADO] não é suficiente para descrever o sentido da palavra. De acordo com Charles J. Fillmore, a definição do termo requer referência a um domínio cognitivo específico, denominado *frame*, que reúne conhecimento compartilhado acerca das expectativas socioculturais relacionadas à idade apropriada para o casamento. É a relativização do termo a esse domínio cognitivo específico que explica o fato de que a palavra não é adequada para nomear o Papa, ou um personagem que viva nas selvas, como o Tarzan, ainda que esses indivíduos compartilhem os traços mencionados. Dessa forma, percebe-se que não há um traço compartilhado por todos os membros da família, mas um conjunto de traços que permite compartilhamentos parciais, assim como não há um traço definidor das categorias em geral.

As investigações iniciais de Eleanor H. Rosch (1973, 1978), no âmbito da psicologia, tiveram grande influência nos questionamentos ao modelo clássico de categorização. Essas investigações pretendiam explorar a base psicológica das cores focais, para determinar se tais cores partiam da linguagem ou da cognição pré-linguística. Os resultados indicaram que as cores focais pareciam ter saliência cognitiva particular, provavelmente de forma independente da linguagem, e pareciam refletir certos aspectos fisiológicos dos mecanismos perceptuais do ser humano. Esses resultados motivaram Eleanor H. Rosch a estender a noção de foco, ou *protótipo*, para além da categoria cromática, ou seja, para domínios como formas, organismos e objetos.

A fim de demonstrar que todos os tipos de entidades são organizados em termos de categorias prototípicas cujos limites não são nítidos, uma das investigações de Eleanor H. Rosch (1973, 1978) partiu dos julgamentos de estudantes universitários acerca das seguintes categorias: fruta, mobília, veículo, arma, legume, ferramenta, ave, esporte e brinquedo. Os estudantes deveriam julgar se os itens apresentados eram bons exemplos das categorias indicadas e, a partir de tais julgamentos, sugeriu-se a existência de efeitos prototípicos. Cadeiras, sofás, mesas e camas, por exemplo, foram indicados como mobília e, logo, como protótipos. No entanto, cinzeiros, rádios, relógios e vasos foram considerados exemplos periféricos dessa categoria.

Entre protótipos e fronteiras categoriais, há membros intermediários, organizados em uma escala de prototipicidade. A organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com similaridade suficiente ao protótipo, até representantes muito periféricos, que apresentam

poucos traços em comum com o núcleo categorial. Segundo Lilian Vieira Ferrari (2011), na categoria “ave”, por exemplo, o membro “sabiá” ocupa o núcleo prototípico, uma vez que possui o maior número de traços encontrados em outros membros dessa categoria: “ter bico”, “ter duas asas”, “ter dois pés”, “ter penas”, “poder voar” e “colocar ovos”. Já o “avestruz” apresenta quase todos os traços definidores da categoria, com exceção de um, “poder voar”, e encontra-se, portanto, um pouco afastado do protótipo. E o “pinguim” compartilha apenas três traços com os demais – “ter bico”, “ter dois pés” e “colocar ovos” –, ficando mais próximo à fronteira categorial. Deve-se ter em vista, entretanto, que nem sempre a avaliação de similaridade toma o protótipo como referência, posicionando os membros da categoria em função do grau de compartilhamento de atributos abstratos e independentes do elemento central.

Eleanor H. Rosch (1999) afirma que as categorias prototípicas podem ser formadas com base nos seguintes critérios: frequência estatística, calculada em termos do número ou média de vários atributos (em estruturas do tipo semelhança familiar); ideias salientes por força de fatores fisiológicos, como boa forma e cor focal; objetos específicos, como a categoria “comidas para dieta”, que tem como ideal a proximidade a zero caloria; ou experiência individual, em que o ideal se torna saliente em função do significado emocional.

É importante ressaltar ainda que o exemplar mais prototípico de uma categoria também pode depender do contexto, e os membros centrais dependentes do contexto podem ser diferentes dos protótipos não contextualizados. A fim de se compreender melhor essa relação do protótipo com o contexto, na seção seguinte, apresentam-se algumas bases estáveis de conhecimento sociocognitivo.

#### **4. Bases estáveis de conhecimento sociocognitivo**

Nesta seção, retomam-se formulações acerca de duas bases estáveis de conhecimento advindas da cognição e da cultura, os *modelos cognitivos idealizados* (4.1) e os *esquemas imagéticos* (4.2), as quais serão aplicadas à análise.

##### **4.1. Modelos cognitivos idealizados**

As estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente exercem um papel fundamental na construção do significado. São

essas estruturas que permitem explicar por que a interpretação envolve mais informação do que aquela codificada na forma linguística, por exemplo, entende-se que “estacionamento rotativo” não é um estacionamento giratório.

Para pensar a construção do significado a partir da linguagem, diferentes vertentes da linguística cognitiva buscam desenvolver conceitos que reflitam as estruturas de conhecimento subjacentes à linguagem. Assim, a partir das noções inter-relacionadas de *frame* e modelo cognitivo idealizado, objetiva-se descrever estruturas cognitivas permanentes e estáveis, associadas ao armazenamento de conhecimento culturalmente compartilhado.

A semântica de frames, abordagem desenvolvida por Charles Fillmore, estuda a estrutura semântica dos itens lexicais e construções gramaticais. O termo *frame* refere-se a um sistema estruturado de conhecimento, organizado a partir da esquematização da experiência e armazenado na memória de longo prazo.

Charles J. Fillmore argumenta que o significado das palavras é subordinado a *frames*. Dessa forma, a interpretação de uma palavra, ou de um conjunto de palavras, depende do acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência, como se observa a partir da expressão “fim de semana”. Charles J. Fillmore (1982) explica que, para se compreender tal expressão, precisa-se acionar o *frame* de “calendário cíclico”, definido a partir de fenômenos naturais (a sucessão de dias e noites) e convenções culturais (a semana de sete dias e a divisão entre dias de trabalho e dias de descanso). A partir dessa base conceptual, o termo destaca os dois dias reservados para descanso do trabalho, o 7º dia de uma semana (sábado) e o 1º dia de outra (domingo), e não os dias finais da semana (6º e 7º), como se interpretaria por meio de uma leitura literal da expressão.

Percebe-se que a ideia de *frame* traz implicações ao entendimento de noções como *significado* e *conceito*, pois desafia a suposição de que os conceitos sejam termos objetivos com base no estabelecimento de listas de traços semânticos, na medida em que rejeita a visão de significado como *entidade* e propõe o tratamento do significado como *função*.

Ao associar a noção de *frame* a processos de categorização, George Lakoff (1987) desenvolveu o conceito de modelo cognitivo idealizado, definindo-o como um conjunto complexo de *frames* distintos. Em ou-

tros termos, os modelos cognitivos idealizados podem ser considerados “representações cognitivas estereotipadas” (ALMEIDA *et al.*, 2009, p.25).

Os modelos cognitivos idealizados apresentam efeitos prototípicos, definidos como efeitos emergentes da interação de um dado esquema com outros. De acordo com George Lakoff (1987), o fato de as representações culturais serem idealizadas e, portanto, simplificadas em relação ao mundo real está na base da existência de efeitos prototípicos. Para ilustrar esse tipo de efeito, retoma-se um exemplo clássico discutido por Charles J. Fillmore (1982), a categoria definida pela palavra inglesa *bachelor* (“solteirão”).

O termo *bachelor*, a princípio, pode ser atribuído a um homem adulto não casado. Contudo, Charles J. Fillmore esclarece que esse nome só existe para categorizar pessoas em uma sociedade em que certas expectativas sobre casamento se mantêm. Devido a isso, tal termo não é usado, por exemplo, para fazer referência ao Papa ou ao Tarzan – que atingiu a maturidade na floresta, sem contato com a sociedade –, embora esses indivíduos sejam homens adultos e não casados. Assim, percebe-se que *bachelor* só é adequadamente definido em relação a um modelo cognitivo idealizado no qual há uma sociedade que prevê casamentos monogâmicos e uma idade apropriada para a realização dessa celebração. Nota-se ainda que esse termo se fundamenta em um modelo idealizado e, em função disso, não considera a existência de padres, casais estáveis não casados, homossexuais, polígamos etc.

De acordo com George Lakoff, esquemas imagéticos podem atuar como um princípio estruturante na composição de um modelo cognitivo idealizado, ou seja, podem fundamentar a estrutura conceptual dos modelos cognitivos idealizados. A experiência do “espaço”, por exemplo, é estruturada, em grande parte, com base nos esquemas imagéticos de ORIGEM-TRAJETO-DESTINO, CONTÊINER, PARTE-TODO, FRENTE-TRÁS, CIMA-BAIXO.

Na próxima subseção, aborda-se mais detalhadamente o conceito de esquema imagético.

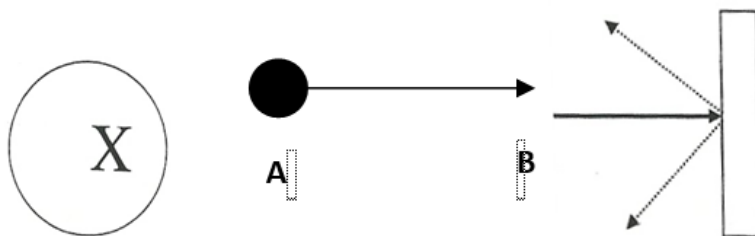
## **4.2. Esquemas imagéticos**

Os esquemas imagéticos costumam ser definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiên-

cias corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, da interação do homem com o mundo. Gibbs e Colston Raymond W.; COLSTON, Herbert L. (1995) conceituam esquemas imagéticos como *gestalts* experienciais que emergem a partir da atividade sensório-motora, conforme se manipulam objetos, orienta-se espacial e temporalmente e se direciona o foco perceptual com diferentes propósitos. Assim, os esquemas imagéticos são considerados “representações dinâmicas análogas de relações espaciais e movimento no espaço” (GIBBS e COLSTON, 2006, p. 30).

Raymond W. Gibbs e Herbert L. Colston (2006) enfatizam que, apesar de os esquemas imagéticos derivarem de processos perceptuais e motores, não são processos sensório-motores. Ao invés disso, tais esquemas são meios primários, imaginativos e não-proposicionais, pelos quais se constitui ou se organiza a experiência, e não meros receptáculos passivos, nos quais a experiência é depositada.

Os esquemas imagéticos existem transversalmente a todas as modalidades de percepção, promovendo a coordenação sensório-motora da experiência humana. Dessa forma, tais representações dinâmicas são visuais, auditivas, táteis e sinestésicas ao mesmo tempo e recriam padrões esquemáticos que refletem domínios, como CONTÊINER, TRAJETÓRIA e BLOQUEIO, responsáveis pela estruturação da experiência ancorada no corpo. Ilustram-se, respectivamente, os esquemas referentes aos domínios citados na Figura (1).



**Figura 1 - Representação dos esquemas CONTÊINER, TRAJETÓRIA e BLOQUEIO**

É importante ressaltar que os esquemas imagéticos não são conceitos detalhados, mas abstratos, consistindo de padrões que emergem de instâncias repetidas da experiência de base corpórea. O esquema do CONTÊINER, por exemplo, resulta da experiência do homem com esse tipo de



objeto, que propicia o uso de expressões que indicam movimento para dentro ou para fora, como ilustram os exemplos “O barco navegou para dentro do túnel” e “Ele jogou o lixo fora”. (FERRARI, 2011, p. 87)

O conceito de esquema imagético tem se revelado extremamente produtivo em relação à descrição gramatical, conforme atesta o estudo de Eve Sweetser (1990) sobre a polissemia dos verbos modais em inglês. A autora expõe uma alternância regular entre a modalidade raiz, ligada ao domínio sociofísico, e a modalidade epistêmica desses verbos, associada aos processos de raciocínio, como se observa a partir dos exemplos<sup>26</sup> a seguir:

- (1) a. John may go.  
b. John may be there.
- (2) a. You must come home by ten. (Mom said so.)  
b. You must have been home last night.

Sweetser (1990) apresenta uma explicação unificada para os usos ligados ao domínio sociofísico (1a e 2a) e para os usos epistêmicos (1b e 2b), em função dos esquemas imagéticos subjacentes a tais ocorrências.

Tendo em vista que as ocorrências de “may” são fundamentadas por um esquema que codifica a experiência física de ausência de barreiras, verifica-se uma extensão do sentido sociofísico de (1a) – não há nenhuma barreira física ou social que impeça a ida de João – para a modalidade epistêmica de (1b) – não há nenhuma evidência que me impeça de concluir que João está lá. Já os usos de “must” são fundamentados pelo esquema da COMPULSÃO, que representa a aplicação de uma força externa que provoca o deslocamento de um objeto. Assim, em (2a), entende-se que existe uma força (social) que obriga o interlocutor a quem a frase é dirigida a voltar por volta das dez horas, enquanto, em (2b), compreende-se que existe uma evidência que obriga o emissor da frase a concluir que o interlocutor da frase (“You”) esteve em casa na noite anterior.

Observa-se, portanto, que a noção de esquema imagético ancora diversos usos linguísticos que refletem a experiência corpórea dos seres humanos no espaço físico e que tal noção também sustenta projeções en-

---

<sup>26</sup>Os trechos correspondentes na tradução são: “João pode ir.” e “João pode estar lá.”; “Você deve voltar para casa por volta das dez. (Diz a mãe.)” e “Você deve ter estado em casa na noite passada”.

tre domínios conceituais características de usos metafóricos. Devido a essa funcionalidade dos esquemas imagéticos, tal formulação teórica é fundamental para a análise pretendida, a qual se baseia em um inventário de esquemas imagéticos de força formulado por Croft e Cruse (2004, p. 45), que compreende os esquemas de EQUILÍBRIO, FORÇA CONTRÁRIA, COMPULSAO, RESTRIÇÃO, HABILIDADE, BLOQUEIO e ATRAÇÃO.

Nos dados analisados, encontraram-se usos do "mas" fundamentados nos esquemas de FORÇA CONTRÁRIA, BLOQUEIO, RESTRIÇÃO e DESEQUILÍBRIO, acerca dos quais serão tecidas maiores considerações na seção de análise.

##### **5. Conector "mas": categoria radial de esquemas de força**

A análise partirá de excertos que compõem a transcrição da primeira sessão de um caso de mediação desenvolvido em paralelo a um processo de regulamentação de visitas. Tal sessão ocorreu no dia 29 de maio de 2007, na Vara de Família do Fórum de uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. No processo, contemplava-se a possibilidade de o pai, o requerente, encontrar-se com os filhos, Vitor e Íris, com mais frequência, não apenas a cada quinze dias durante os finais de semana, conforme fora estabelecido. A gravação dessa sessão totalizou 45 minutos de conversa, os quais foram transcritos de acordo com o procedimento da análise da conversa etnometodológica e com as convenções de transcrição desenvolvidas por Gail Jefferson, estabelecidas em Harvey Sacks, Emanuel A. Schegloff e Gail Jefferson (2003).

Na entrevista de mediação, utilizam-se pseudônimos para identificar os participantes. Em vista disso, verifica-se a seguinte distribuição: Sônia, assistente social, é a mediadora da sessão; Amir é o requerente do processo de pedido de regulamentação de visita; Flávia é a requerida; e Vitor e Íris são filhos de Amir e Flávia, os quais são divorciados.

Os dados apresentados nesta seção, bem como parte das análises, encontram-se nos trabalhos de dissertação e tese de (2012, 2015). Nessas pesquisas, dos 101 usos do conector verificados na sessão de mediação, analisaram-se 71, pois foram excluídas ocorrências em que não houve tomada efetiva de turno, mesmo que momentaneamente; em que houve interrupção da fala após o uso do conector "mas"; e ocorrências que se encontram em trechos cuja transcrição foi impossível. Nesta análise, descrevem-se cinco desses usos, a partir dos esquemas de força que os fun-

damentam, e, posteriormente, demonstra-se como as 71 ocorrências foram categorizadas.

As primeiras duas ocorrências do conector, analisadas a partir dos excertos (1) e (2), fundamentam-se no esquema de FORÇA CONTRÁRIA. Postula-se que o uso do conector é baseado nesse esquema quando a noção física de forças em direções opostas é transposta para a noção de argumentos ou ideias contrárias. É válido ressaltar que o contraste ou a oposição pode ocorrer de forma explícita, mais marcada linguisticamente, ou de forma implícita, quando o falante se opõe a um subentendido da fala do interlocutor. O uso do conector fundamentado pelo esquema de FORÇA CONTRÁRIA pode ainda evidenciar uma oposição a uma expectativa inferida do primeiro membro coordenado, um contraste entre suposições ou uma manifestação de contrariedade em relação a uma hipótese levantada pelo interlocutor.

### **Excerto (1)**

Flávia: o::lha na perícia uma pessoa que tava lá dentro viu você sendo segurado pelo braço com teu pai pra fazer a perícia, o teu pai teve que te ajudar a sentar, eu quero saber se isso é uma encenação pra perícia ou se você [fica assim. *mas é isso que eu quero sabe:::~r*

Amir: [não vou ficar discutindo. eu na-, eu não to em questionamento

Na narrativa do primeiro turno de fala, Amir é apresentado sem controle de seus movimentos. Posteriormente, a pergunta *eu quero saber se isso é uma encenação pra perícia ou se você [fica assim*. compromete a imagem de Amir, uma vez que a interrogativa alternativa pressupõe a disjunção de suas respostas, a saber: *Amir perde o controle dos movimentos* ou *Amir se beneficia da própria doença*. Assim, a sentença *[não vou ficar discutindo. eu na-, eu não to em questionamento* funciona como uma estratégia evasiva para redirecionar o encaminhamento discursivo, já que Amir se nega a discutir o tópico em questão. Dessa forma, o uso do "mas" em *mas é isso que eu quero sabe:::~r* constrói uma oposição à negação de Amir, na tentativa de manter o direcionamento da conversa.

Verifica-se, portanto, que o domínio sociofísico de FORÇA CONTRÁRIA estrutura a oposição de ideias em nível conversacional, uma vez que as cláusulas relacionadas pelo "mas" atuam em direções opostas, pois uma tende ao encerramento e outra à continuação de um mesmo tópico.

## **Excerto 2**

Flávia: então ta. então vamos lá. ele não pode trabalhar *mas* ele pode ficar com a criança, ta, ta certo.

Sônia: ta certo. Hunhum

Para defender a visão de que Amir não deve passar mais tempo com os filhos, além daquele já estabelecido, Flávia retoma as ideias de Sônia contrastando-as por meio do conector. Assim, tal conector cria uma relação de oposição entre o *frame* ativado por “trabalhar”, em que se cancelam elementos do modelo cognitivo idealizado de Amir que funcionariam como condições para o trabalho, e o *frame* ativado por “ficar com”, que, nesse contexto, representa “cuidar de”, “tomar conta de”, em que Amir teria condições de se responsabilizar pelos filhos.

Flávia manifesta a crença de que as condições para trabalhar e para cuidar de crianças seriam iguais, dessa forma, a medianda opõe o modelo cognitivo idealizado de Amir que não inclui tais exigências a outro modelo cognitivo idealizado de Amir que as inclui. Logo, nota-se que as cláusulas coordenadas pelo conector “mas” operam em nível epistêmico, já que a contrariedade é gerada por desigualdade de elementos nos modelos cognitivos idealizados de Amir. Nesse caso, o domínio sociofísico de FORÇA CONTRÁRIA estrutura metaforicamente o domínio epistêmico de contrariedade.

O excerto seguinte evidencia uma ocorrência do conector fundamentada pelo esquema de BLOQUEIO. Acredita-se que conectores são fundamentados por tal esquema quando a noção da existência de uma barreira física, removível ou não, que impede a continuação de um movimento, é abstratizada, ou seja, transferida para a ideia de uma interrupção na argumentação do interlocutor devido à tomada de turno por outro participante da interação ou devido à mudança de assunto pelo próprio falante, no caso de uma retomada. Assim, a noção de bloqueio permite que se conceptualize o argumento introduzido pelo conector como uma força que dificulta a continuação da argumentação do participante que detém a posse do turno ou que impede a continuação de um mesmo assunto.

Considera-se que o BLOQUEIO é mais difícil de ser removido quando a interrupção da fala de um interlocutor deve-se à introdução de um argumento mais forte por outro participante da interação ou quando há uma tentativa de encerramento do assunto. Já quando ocorre uma tentativa de tomada de turno, entende-se que o bloqueio é de fácil remoção.

Além disso, os dados analisados por (2012, 2015) demonstram que os argumentos baseados em fatos são conceptualizados como bloqueios de difícil remoção, enquanto aqueles baseados em opiniões são entendidos como de fácil remoção.

### **Excerto 3**

Sônia: realmente dona:: flávia, uma das características da síndrome do pânico e da depressão, seu amir tem uma coisa e outra meio misturado, né. é isso exatamente, desse dessa embotamento, né. dessa tristeza,=

Flávia: =e isso não afeta. uma criança estando junto. o psicológico do meu filho como é que fica.

Sônia: provavelmente sim. *mas* esse é o pai do vitor.

A pergunta expressa no turno de fala de Flávia gera, pressuposicionalmente, a asserção de que o estado de saúde de Amir afeta Vitor psicologicamente. A construção dessa asserção funciona como um argumento contrário à ideia de Amir passar mais tempo com o filho. Desse modo, por meio da primeira sentença coordenada em seu último turno de fala, Sônia ativa uma possibilidade no discurso, que se alinha à argumentação de Flávia, para, posteriormente, fazer uma asserção, ativada pelo uso de *mas*(*cláusula*), que opera como um argumento contrário, mais forte que os anteriores, ao encaminhamento argumentativo, por estar apoiado no modelo cognitivo idealizado de paternidade biológica, o qual inclui o direito de pai e filho estarem juntos. Portanto, o uso do conector representa um obstáculo de difícil remoção, em nível epistêmico, em relação ao encaminhamento argumentativo, ou seja, um impedimento à tentativa de manipulação dos estados mentais de Sônia e Amir, realizada por Flávia, a fim de levá-los a concordar com a tese de que Vitor não deve passar mais tempo com o pai.

No próximo excerto, verifica-se uma ocorrência do conector baseada no esquema de RESTRIÇÃO. Conectores são fundamentados por esse esquema quando a noção de força física que limita um movimento é abstratizada. Tal noção física, desse modo, pode ser transportada para a noção de força social ou argumentativa que limita determinado argumento. Assim, segundo (2012, 2015), os usos do "mas" fundamentados no esquema de RESTRIÇÃO podem ser conceptualizados como uma força que especifica uma ideia ou que restringe o foco de atenção ou a opinião negativa do interlocutor. Além disso, tal conector

pode introduzir uma condição, que é compreendida como uma restrição à vontade do outro participante ou como uma ressalva.

#### **Excerto 4**

Sônia: nem me lembro mais quem é o requerente desse processo, quem é que começou, *mas* é que veio pedir ao juiz, botou a VIDA pro juiz pro juiz decidir. pediu o juiz decide.

No início do trecho, Sônia faz uma asserção em que não é apresentado um valor para o papel “requerente”. Tal afirmação é relacionada no discurso, por meio do conector “mas”, a um discurso relatado, em que o requerente dá ao juiz o poder de decidir sobre a vida das partes. Dessa forma, Sônia restringe o foco de atenção da conversa ao poder conferido ao juiz e anula a importância do requerente. Entende-se, portanto, que o uso do conector se apoia em um esquema de RESTRIÇÃO, porque tal conector funciona como uma força, em nível epistêmico, que restringe o foco de atenção dos interlocutores ao segundo membro coordenado, desviando, assim, a atenção da entidade “requerente” para a entidade “juiz”.

Vale ressaltar que essa estratégia de restrição foi importante argumentativamente, nessa etapa da conversa, pois, logo após o trecho acima, a mediadora esclarece a importância das sessões de mediação para que as partes decidam por si mesmas as questões que seriam levadas ao juiz, o que corrobora a ideia de que o conector que atua como um elemento de restrição funciona cognitivamente como um mecanismo de alteração de foco.

A última ocorrência analisada fundamenta-se no esquema de DESEQUILÍBRIO, já que há uma transferência da noção de forças físicas em desequilíbrio para a noção de ideias ou argumentos com diferentes níveis de importância.

Salienta-se que o argumento mais forte pode ser explicitado tanto no primeiro quanto no segundo membro da coordenação e que, quando o segundo membro apresenta um grau de importância menor, essa diferença costuma ser lexicalizada.

#### **Excerto 5**

Sônia: E ele at-, ela né. ela até é: pediu aqui pra nós, pro processo vir pra cá

pra nós, é é o assistente social e a psicóloga conhecerem ma:is e darem um pouco mais de informação, né. MESmo assim, é MUItO mais interessante que os próprios envolvidos decidam sobre a SUA vida, SUAS vidas, né.

Flávia: mais as crianças, né.

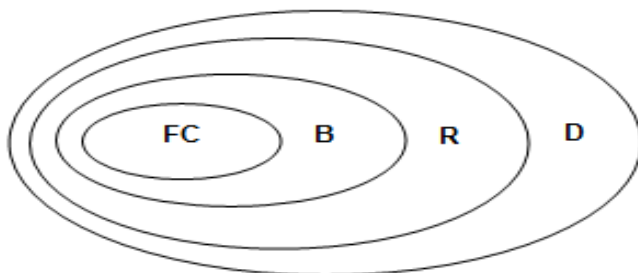
Sônia: no caso aqui muitO mais as vidas das crianças. *mas* que não há como negar que atinge diretamente a vida de cada um

A primeira cláusula coordenada pelo conector constrói uma asserção que funciona como uma concessão à tese de Flávia – é mais interessante que os envolvidos decidam sobre a vida da família; enquanto o uso do conector "mas" introduz uma segunda asserção que reforça a tese da mediadora – é mais interessante que os próprios envolvidos decidam sobre suas vidas. Logo, entende-se que o uso do conector é fundamentado pelo esquema de DESEQUILÍBRIO, pois há uma transferência da ideia de forças físicas em desequilíbrio para a noção epistêmica de argumentos com diferentes níveis de importância.

Nota-se que o argumento mais forte foi explicitado na primeira cláusula – *no caso aqui muitO mais as vidas das crianças* –, tanto através dos lexemas “muito” e “mais”, quanto por meio da ênfase acentuada na fala, representada pela letra maiúscula em “muitO”. Assim, o conector atribui força a uma importância secundária da mediação – *que os mediantos decidam sobre suas próprias vidas* –, a qual é lexicalizada por “não há como negar” na segunda cláusula coordenada: *que não há como negar que atinge diretamente a vida de cada um*.

As setenta e uma ocorrências do conector analisadas por (2012, 2015) encontram-se distribuídas da seguinte forma: 35 usos do conector baseiam-se no esquema de FORÇA CONTRÁRIA; 27, no esquema de BLOQUEIO; 7 ocorrências apoiam-se no esquema de RESTRIÇÃO; e 2 usos fundamentam-se no esquema de DESEQUILÍBRIO.

Com base na frequência de uso apresentada e tendo em vista que os protótipos variam em função dos gêneros discursivos analisados, propôs-se a configuração radial apresentada na Figura (2), em que os esquemas imagéticos são identificados por suas iniciais.



**Figura 2 – Categoria radial dos usos do conector "mas"**

De acordo com o diagrama, os usos do "mas" são distribuídos radialmente, partindo-se dos mais aos menos prototípicos. As ocorrências fundamentadas pelo esquema imagético de FORÇA CONTRÁRIA ocupam o núcleo da categoria e mantêm a noção básica de “oposição”, enquanto os elementos radiais distanciam-se dessa noção, conservando apenas a ideia de “força”. (2012, 2015) observa que os usos do "mas" apoiados pelo esquema imagético de FORÇA CONTRÁRIA atuam semântico-cognitivamente como construtores de oposições em nível epistêmico ou conversacional.

Já os usos que se apoiam no esquema de BLOQUEIO interrompem o encaminhamento discursivo devido a propósitos conversacionais (como tentativa de tomada de turno ou tomada de turno para inserção de retomadas, desfecho ou novo tópico) ou a propósitos argumentativos (como ajuste de foco entre os participantes da conversa quanto a um modelo cognitivo idealizado ou elemento de modelo cognitivo idealizado). Os usos de "mas" fundamentados no esquema de BLOQUEIO ainda invalidam a argumentação ou suposição de fundo evidenciada antes da ocorrência do conector. Dessa forma, considera-se que tais usos atuam no redirecionamento discursivo, ao alterarem o tópico ou o foco em relação ao modelo cognitivo idealizado da conversa. Portanto, conservam, de forma menos explícita, a noção de “oposição”.

Os usos apoiados no esquema de RESTRIÇÃO, por sua vez, perdem ainda mais o caráter de oposição, uma vez que limitam indiretamente uma argumentação pela introdução de ressalva ou condição; ou mesmo limitam o foco do discurso a uma entidade; ou ainda reduzem elementos do modelo cognitivo idealizado em que a conversa se apoia.

Por fim, os usos mais periféricos da categoria atuam somente em nível epistêmico, quando o objetivo do falante é contrastar um argumento



mais fraco e um mais forte ou um argumento em menor nível de importância e um em maior nível de importância, conservando-se apenas a noção de “força”.

Quanto à dimensão dialógica da conversa, ou seja, à organização interacional da discussão, que inclui objeção, defesa e refutação, nota-se que os dois tipos de uso mais próximos ao núcleo mantêm uma noção de oposição, já que os conectores fundamentados pelos esquemas de BLOQUEIO e RESTRIÇÃO representam uma resistência em relação à argumentação do interlocutor, pois os primeiros evidenciam uma tentativa de reencaminhamento discursivo, e os segundos, uma limitação à argumentação do outro.

Já os usos mais periféricos, baseados no esquema de DESEQUILÍBRIO, não sinalizam, diretamente, uma oposição a outro participante, mas representam um contraste entre as ideias do falante, com o intuito de sustentar uma posição argumentativa, operando, dessa forma, em relação à dimensão monológica da conversa, isto é, à harmonia entre a posição e a sustentação da argumentação.

## **6. Considerações finais**

Os dados analisados por (2012, 2015) corroboram as hipóteses iniciais da pesquisa: no gênero analisado, os usos do conector "mas" são fundamentados por esquemas imagéticos de FORÇA; o esquema de FORÇA CONTRÁRIA fundamenta os usos mais nucleares ou prototípicos desse conector na interação; e os usos não prototípicos afastam-se do núcleo da categoria em diferentes graus, conforme mantêm a noção de força, mas distanciam-se do sentido de contrariedade.

Tendo em vista o objetivo nuclear desta explanação, apresentar uma proposta de descrição semântico-cognitiva dos usos do conector "mas" aplicável à análise de fala-em-interação que abarque tanto os usos do "mas" como conector interfrástico quanto como pré-começos ou inícios acessórios de um turno de fala, considera-se que o trabalho aponta uma proposta semântico-cognitiva incipiente de descrição dos usos do "mas" a partir da apresentação da categoria radial formulada por (2012, 2015).

Espera-se que essa proposta seja desenvolvida, posteriormente, por meio da ampliação do *corpus* a outros tipos de conversa, que permitam, por exemplo, analisar mais usos do conector fundamentados no es-

quema de RESTRIÇÃO e DESEQUILÍBRIO, os quais foram pouco encontrados nos dados da sessão de mediação, e, assim, chegar a maiores generalizações e a uma proposta que apresente ampla capacidade descritiva do conector conforme os preceitos da linguística cognitiva.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de et al. *et al* (Orgs.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

CROFT, William; CRUSE, David Alan. *Cognitive linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2004.

FERRARI, Lilian Vieira. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles J. An alternative to checklist theories of meaning. In: Cogen, C; Thompson, H; Thurgood, G; Whistler, K. (eds.). *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975, p. 123-31.

\_\_\_\_\_. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. p. 111-137.

GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistic: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

ROSCH, Eleanor H. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, Timothy E. (ed.). *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press, 1973, p. 111-44.

\_\_\_\_\_. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor H.; LLOYD, Barbara B. (Eds.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ; NY: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.

\_\_\_\_\_. Reclaiming concepts. *Journal of Consciousness Studies*.

1999, 6, p. 61-77.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. Trad.: Maria Clara Castellões de Oliveira, Paulo Cortes Gago. *Revista Veredas de Estudos Linguísticos*, vol. 7, n. 1 e 2, p. 11-43, jan./dez. 2003.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VELOZO, Naira de Almeida. *Os esquemas de força e a metáfora da guerra: uma análise sociocognitiva dos usos do mas em mediação*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *Usos de mas+cláusula no gerenciamento da conversa: uma proposta de descrição semântico-cognitiva*. 2015. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas/Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.